

## **FLUSSER: LINGUAGEM, ARTE E TECHNÉ<sup>1</sup>**

*Paulo Roberto Andrade de Almeida<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo se debruça sobre o problema comunicacional do homem contemporâneo, segundo a perspectiva filosófica de Vilém Flusser. Por isso, procura apresentar a arte como expressão do fazer humano, que se pretende libertador. Se a técnica promove a alienação do indivíduo ao sistema capitalista e o impede de pensar criticamente, a linguagem da arte o liberta como porta de acesso à intersubjetividade. Portanto, nem o subjetivismo, nem o objetivismo das ciências poderão emancipar o sujeito. A verdadeira libertação está na dialogicidade da filosofia, como imposição do eu. A pesquisa bibliográfica que sustenta o presente trabalho incide, sobretudo, sobre *A Pré-história*, como abordagem do momento histórico em que vivemos, caracterizado pelo domínio de aparelhos programados, que transformam o homem em mero funcionário.

**Palavras-chave:** Intersubjetividade; Técnica; Flusser; Arte contemporânea; Aparelho.

**ABSTRACT:** This article focuses on the communicational problem of contemporary man, according to the philosophical perspective of Vilém Flusser. Therefore, it seeks to present art as an expression of human activity, which is intended to be liberating. If technique promotes the individual's alienation from the capitalist system and prevents them from thinking critically, the language of art frees them as a gateway to intersubjectivity. Therefore, neither subjectivism nor objectivism in science will be able to emancipate the subject. True liberation lies in the dialogicity of philosophy, as an imposition of the self. The bibliographical research that supports this work focuses, above all, on *Prehistory*, as an approach to the historical moment in which we live, characterized by the predominance of programmed devices, which transform man into a mere employee.

**Keywords:** Intersubjectivity; Technique; Flusser; Contemporary art; Device.

### **Considerações preliminares**

A proposta que ora nos orienta é elaborar uma reflexão sobre os principais temas que ocupam o pensamento do filósofo tcheco-brasileiro, Vilém Flusser, exatamente por considerar que pouco há que contemple obra tão completa e instigante. Nessa perspectiva, nosso trabalho deve incidir sobre a relação implícita entre imagem e linguagem na sociedade contemporânea, notadamente no momento que o filósofo denomina pós-história.

---

<sup>1</sup> Agradeço à UFSJ, que disponibilizou recursos orçamentários para a execução desse Evento, em parceria com outras instituições.

<sup>2</sup> DFIME/UFSJ - [pandrade@ufsj.edu.br](mailto:pandrade@ufsj.edu.br)

Pretendemos, em última instância, perseguir a questão de como a arte pode promover a liberdade do homem e, assim, desembocar no problema da intersubjetividade, como expressão do caráter político das relações humanas.

Reportando-se à tematização de *Bondenlos*, lembra o pensador sua situação de imigrante, que é apenas um exemplo do que ocorre na civilização ocidental contemporânea: o homem do século XX não se sente em casa. Ele não tem chão, entendido como *habitat* natural do ser social. Daí, a sensação de vacuidade e a incerteza em relação a todo futuro que possa se lhe descortinar (cf. Flusser, 2011, p. 9).

Mas todo o problema identificado por Flusser se circunscreve ao nível da linguagem, como conjunto de relações comunicacionais do homem que vive a experiência do pós-guerra.

Ao tomar como parâmetro a máquina fotográfica, Flusser quer se referir a toda intercessão entre imagem e linguagem, como instâncias de armazenamento e veiculação de informações.

Nesse sentido, Flusser identifica três momentos históricos, cujas características de comunicação e informação são peculiares e reprodutoras da realidade. Daí, se falar em imagem pictórica, escrita e técnica. Esta última se vincula ao que denomina de pós-história, ou correspondente ao nosso momento.

Na fase em que Flusser desenvolveu seus trabalhos na Europa, ocupou-se de temas ligados ao desenvolvimento do capitalismo avançado. Observou, então, que a tecnocracia, por si só, não responde às grandes questões existenciais do homem. Ademais, o problema do advento das culturas de massas o afligia.

Daí, a referência ao que chama de *pós-história*, ou *sociedade pós-industrial* ou, ainda, *sociedade pós-Auschwitz*. Trata-se de um momento marcado pela manipulação das pessoas por *aparelhos* e imagens técnicas.

Tais circunstâncias conduziram Vilém Flusser a uma análise contundente sobre a sociedade humana ocidental e a captar nas relações humanas e culturais, relações de comunicação regidas por aparelhos, ou seja, por objetos que produzem imagens técnicas.

Em suas observações sobre a sociedade contemporânea, Flusser percebe que, embora tenhamos um arcabouço linguístico já bem desenvolvido, precisamos de novos parâmetros que regulem, balizadores para as relações humanas. Daí, se falar em dialogicidade, visto que

numa era regida por discursos, nossas falas são circulares, sem produção de informação nova. Portanto, a era atual transforma, pelo discurso direcionado, as pessoas em meros receptores de informações. Ao passo que no diálogo o indivíduo se torna criador de argumentos, na medida em que alimenta o diálogo.

Ora, a dialogicidade só é possível nas relações humanas através da arte. Flusser apresenta a arte como produtora de informação nova, como criação absoluta do humano. Ela, portanto, produz a intersubjetividade. Nesse sentido, entende Flusser, uma apreensão da filosofia como recurso à imagem técnica representa um passo decisivo na direção da intersubjetividade e da instauração de um sentido para a vida, considerando o homem como *zoo politikon*, o animal cuja existência está vinculada à vida na *polis*. O ser social, de Aristóteles.

Portanto, a arte é um elemento emancipatório da condição do humano. É ela que promove a liberdade do indivíduo no âmbito do social e da auto-percepção do indivíduo como pessoa.

### **Elementos biográficos e a filosofia de Flusser**

Recém casado, Flusser teve que trabalhar numa oficina de conserto de rádios, para garantir o sustento da família. Depois se tornou professor, dedicando-se ao estudo da Filosofia da ciência, da Filosofia da linguagem, da Teoria da comunicação e de questões ligadas à religiosidade.

Na década de 1980, publicou sobre os novos meios de comunicação social e sobre a sociedade contemporânea. Foi auto tradutor. Escreveu em forma de ensaios, sem rigor acadêmico, fora dos parâmetros habituais. Vislumbra escrever fábulas, entendendo que o fabuloso habita o limite do imaginável.

Sofreu influências marcantes, dentre as quais merecem destaque Wittgenstein, Ortega y Gasset, que lhe apresenta o existencialismo, Nietzsche e, no Brasil, Vicente Ferreira da Silva, seu amigo e contemporâneo no Instituto Brasileiro de Filosofia, a quem reconhecia como, talvez, o maior filósofo brasileiro.

Defendia a fenomenologia, como método de trabalho, tendo buscado em Husserl e Heidegger seus elementos fundamentais. Aliás, é oportuno observar, que vinculava o

conhecimento a uma das formas da humana existência (cf. Flusser, 2011, 55). Dizia que o homem só pode conhecer, de fato, aquilo que vivencia e avalia, existencialmente. Portanto, as dimensões estética e política estão intrinsecamente ligadas à epistemologia. Daí considerar a fenomenologia como epistemologia privilegiada, na medida em que é capaz de reformular a atitude científica vigente, tendo como referencial a não objetificação do humano.

O conteúdo fenomenológico absorvido lhe veio a partir de leituras da obra heideggeriana, bem como de conversas profícuas mantidas com Vicente Ferreira da Silva. De Dilthey herdou o apreço pela história e sua relação com a cultura. Como muito bem observa Ricardo Mendes, em sua Dissertação de Mestrado, apresentada à USP, em 2001, sob orientação do Dr. Martin Grossmann:

O filósofo que mais me entusiasmou (se me lembro bem), foi Schopenhauer, o que mais me inquietou foi Wittgenstein, com o qual gostaria de poder concordar foi Kant e com o qual concordo mais é Camus. Heidegger é sem dúvida, (com Husserl e com Dilthey) aquele que mais gostaria de ultrapassar, e é, neste sentido, o mais importante (Mendes, 2001, 38)<sup>3</sup>.

Foi marxista, por influência do pai, embora tenha abandonado a ideologia após a invasão de Praga, durante a Segunda Guerra Mundial. Aliás, concebe *ideologia* como visão parcial da realidade, abusiva, tendenciosa e excludente. Por isso, seu apreço à filosofia, como abertura a toda possibilidade de discussão, de diálogo, de co-existência com outros pontos de vista (cf. Leão, 1999 *apud* Mendes, 2001, 7)<sup>4</sup>.

## **Linguagem e cultura**

Flusser entende que há uma tendência natural no universo à desinformação, ou melhor, ao não acúmulo de informações. O mesmo, porém, não acontece com o ser humano, que é um ser, essencialmente, histórico. Ou seja, se constitui como um ser capaz de construir memórias, o que traz, como consequência necessária desse armazenamento, sua capacidade de fazer cultura. Isso explica o interesse de Flusser pela linguagem: a seu ver, tanto a língua

---

<sup>3</sup> Carta de Vilém Flusser a Paulo Leminsky, enviada de São Paulo, em 20 de setembro de 1964, respondendo sobre as principais influências da sua obra.

<sup>4</sup> Depoimento de Maria Lilia Leão, advogada e produtora de TV, em 19/01/1999.

como a imagem assumem a função de armazenar informações, construindo, portanto, memória ou, fazendo cultura.

Como isso ocorre, concretamente? Flusser empreende séria análise exegético-hermenêutica sobre a obra de Heidegger. Ele argui as várias formas de ser do *Dasein* e conclui que o mundo está constituído por várias espécies ontológicas específicas, que podem se tornar empecilhos à auto realização do humano. Entretanto, há entre esses objetos e coisas que compõem o universo, algumas com as quais se pode lidar dialogicamente: são os seres humanos.

Diante da provisoriedade da sua existência, o homem se vê constrangido a optar pela vida autêntica, a reconhecer objetos, libertar-se deles e superá-los. Significa dizer: o indivíduo humano se capta como ser histórico, que vivencia um passado, um presente e um futuro, que ainda não se desvelou. E é essa consciência de sua historicidade que o leva a construir cultura, como forma de se perenizar e de transformar esse mundo bruto, opaco em espaço de *acontecência*, como liberdade. Cultura é, pois, a condição fenomenológica de eu existir como liberdade.

Assim, é possível distinguir cultura de natureza: esta, vinculada ao futuro, como aquilo que será transformado pela ação humana; aquela, ligada ao passado, como resultado de nossas ações e que constituem parte de nossa história existencial, ou o que denominamos *arte*.

Aliás, é oportuno lembrar que a situação existencial de nossa cultura é, auspiciosamente, ligada à dinâmica cultural do Ocidente. Flusser entende a sociedade ocidental como um tecido comunicativo, onde discurso e diálogo coexistem, pacífica e simultaneamente. Ou seja: sob essa perspectiva, o conhecimento pode ser obtido de maneira objetiva, por meio de processos discursivos, como, também, intersubjetivamente, através do diálogo.

Vale dizer: Discursivamente, ocorre a disseminação de informações, ou o que chamamos *comunicação objetiva*. No âmbito da dialogicidade, acontece a elaboração dessas informações, como comunicação intersubjetiva. Esta supõe responsabilidade dos participantes na comunicação, porquanto cada um tem o direito e deve se manifestar, responsabilmente.

## **O homem e o tempo**

Em sua análise sobre a sociedade humana ao longo dos tempos, Flusser observa que cada momento estabelece um tipo de relação específica com o tempo. Assim, o momento por ele tematizado como *pré-história* assume uma compreensão de destino histórico ou uma visão finalística da realidade. Esse momento é fortemente caracterizado por uma visão religiosa do mundo, onde prevalece a ideia de *rebanho*, para utilizar uma terminologia nietzschiana. A ideia se vincula à apreensão de *massa amorfa*, isenta de capacidade crítica ou questionadora. Desse modo, a existência humana expressa apenas o cumprimento de metas previamente estabelecidas, manifestando a ineficiência dos processos comunicativos. É forçoso concluir: trata-se de um momento marcado por estruturas alienantes do convívio humano.

O período subsequente, denominado *história*, caracteriza-se pelo surgimento da escrita e, em decorrência, da adoção do conceito, como expressão do conhecimento humano. Nessa perspectiva, a escrita cria uma concepção de tempo mais linear e essa linearidade do tempo sugere a superação do tempo da magia ou da fantasia, que caracterizava o momento anterior. Os acontecimentos são entendidos a partir de relações causais.

O discurso religioso se torna obsoleto, pois já não é capaz de dialogar com o pluralismo de ideias e conceitos que circulam na sociedade humana. Portanto, o discurso religioso passa a representar a estagnação do tecido comunicativo, à medida que dificulta o diálogo.

Passa a predominar, então, o discurso elaborado pelo progresso do conhecimento científico, cujos pressupostos fundamentais são a neutralidade, a objetividade e a imparcialidade. Esse momento seria superado pelas imagens técnicas, das quais a fotografia constitui exemplo mais fidedigno, pois representa o denominador comum entre conhecimento científico, experiência artística e vivência política, no cotidiano do indivíduo.

## **Pós-história e imagem técnica**

A função da imagem técnica é emancipar a sociedade humana da necessidade de pensar conceitualmente (Flusser, 1985, 16). Ela re + presenta ou re + imagina o mundo,

esvaziando a importância dos textos e, conseqüentemente, da historicidade do homem. Tal como a escrita suplanta o momento anterior, quando foi inventada. Isto porque a progressividade textual não aparece na imagem técnica.

Na imagem técnica o aparelho é programado, de tal forma que suas possibilidades são limitadas, em relação às imagens tradicionais. Propositadamente, somos analfabetos no deciframento das imagens técnicas.

Os meios de comunicação social predominam. Isto provoca a crise na qual nos encontramos, embora muitas vezes, nem nos damos conta de nossa situação real. Na verdade, a programação sugere uma despolitização, ou uma a - politização, que corresponde à eliminação (substituição) de todo espaço para a intersubjetividade, como lugar de construção da liberdade do indivíduo.

A pós-história traz consigo o problema da linguagem e da comunicação, criando um elemento novo nas relações sociais, que Flusser chama de funcionário. Significa dizer: sob esse aspecto, predomina o discurso, o que provoca uma solidão das massas receptoras. Há um abandono do diálogo, como hábito cultural, que transforma as pessoas em massa amorfa. Portanto, a não-comunicação provoca a solidão e a ausência de percepção crítica da realidade que nos rodeia.

Na pós-história não há ideologia ou religiosidade que influencie a crença das pessoas. Cabe à política reformular o tecido social. É preciso criar o espaço da intersubjetividade, como tentativa de superação da crise.

Flusser associa a ideia de massa amorfa ao conceito de funcionário. Ele assume, então, a perspectiva esboçada por Nietzsche e por Ortega y Gasset, em seus escritos, para se referirem ao indivíduo alheio à liberdade. O homem que se torna um instrumento nas mãos do sistema econômico, que não visa senão o lucro, através da manipulação das consciências. Com efeito, ele observa: “Fábricas são lugares em que novos tipos de seres humanos são sempre produzidos: primeiro o Homem-mão, depois o homem-ferramenta, depois o homem-máquina, e finalmente, o homem-robô. Repetindo: Esta é a história da humanidade” (Flusser, 1999, 44)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Factories are places in which new kinds of human beings are always being produced: first the hand-man, then the tool-man, then the machine-man and, finally, the robot-man. To repeat: This is the story of humankind. (Tradução pessoal).

Observa-se uma mudança significativa no *modus vivendi* do homem contemporâneo, que se transforma em funcionário do aparelho. O indivíduo, o trabalhador, que funciona segundo os ditames do aparelho, o faz necessariamente, independente de formar uma consciência crítica sobre o aparelho que ele *controla*. A esse respeito, merecem destaque as considerações de Gustavo Bernardo Krause:

O funcionário não consegue compreender a finalidade do aparelho – em última instância, aparelhá-lo. Seus movimentos são caracterizados pela circularidade ou pela serialidade: cada um imita o outro para ser *ninguém*, ou *todo mundo* (Krause, 2002, 170 – *grifos do autor*).

Há, portanto, uma desumanização do humano em função do aparelho, da máquina. A máquina é programada e o homem segue seu curso, como se relegasse ao aparelho o controle do seu destino. É como se o programa se estendesse e passasse a atuar também sobre a vida do funcionário. Assim, o homem, produtor do capitalismo avançado, torna-se um *homo ludens*, na medida em que participa do jogo do sistema e, assim, pensa que os programadores são os jogadores que produzem o jogo, em detrimento do mundo concreto – adverte Flusser (cf. Flusser, 2011, 37).

### **Techné e intersubjetividade**

Flusser se refere ao espaço público como lugar do diálogo, do encontro. Este se situa hoje no shopping Center, como espaço do consumo. Ali, o discurso quer reduzir e objetivar a existência humana, pois se trata do espaço em que apenas se simula o diálogo, que nunca acontece efetivamente (cf. Flusser, 2011, 66).

Tal como ocorreu na metáfora presente no mito da caverna, de Platão, os prisioneiros não se sentem confortáveis quando a ilusão é desmascarada. O aparelho transforma os espectadores em objetos e eles colaboram com essa objetificação (cf. Flusser, 2011, 68). A sociedade contemporânea, consensualmente, se apraz em ser enganada. O homem não mais se engaja no mundo, na sua história. O homem afasta-se de si e busca no jogo do aparelho o divertimento. Mais que isso: o homem “abandona a meta da felicidade, que sabe inalcançável e a substitui pela meta da diversão multiforme. (...) De maneira que o divertimento é *relaxamento da tensão dialética* que caracteriza a consciência humana” (cf. Flusser, 2011, 114).



Preocupa-se, ainda, o homem contemporâneo com a quantidade de divertimento, em detrimento da qualidade. O *quantum* suplanta a sensação de infelicidade.

Flusser observa que a objetivação é “técnica social levada ao extremo” (Flusser, 2011, 15). A objetividade do homem tornou-se uma certeza insustentável. É como se o homem se submetesse ao robô ou ao que ele deseja funcionalmente. Nesse sentido, nossa cultura se caracteriza pela *transcendência objetivante*, que impele à transformação de tudo em objeto de conhecimento e manipulação. Nessa perspectiva, Flusser observa que “na relação *máquina-homem* é precisamente a máquina a constante e o homem é a variável” (Flusser, 1999, 48)<sup>6</sup>.

É notória a influência marxista que Vilém herda de seu pai, Gustav Flusser. Mas o que ele pretende ao tecer tais afirmações é apresentar novas categorias que lhe permitam expressar peculiaridades desse novo momento da sociedade do capitalismo avançado, a pós-história.

A rigor, o que Flusser procura demonstrar é que os mesmos instrumentos que deveriam emancipar o homem do seu trabalho – ou, pelo seu trabalho – contribuem para desumanizá-lo. Esse aspecto representa novidade em relação aos momentos anteriores de desenvolvimento da humanidade: o finalístico, de características predominantemente religiosas e o causalístico, quando prevaleceu o conhecimento científico da realidade. Tratava-se, então, de exclusão de toda possibilidade do novo, tomada como desconhecido. Em contrapartida, na sociedade programática, a causa e o efeito são acasos mal interpretados – conforme alega o filósofo em *Pós-história* (Flusser, 2011, 28).

Tais circunstâncias provocam a formação de uma existência não comparável a qualquer outro momento da história da humanidade. Nossa vida é totalmente programada por aparelhos. Seja o que fazemos, pessoalmente, no âmbito da vida familiar, nossos pensamentos, perspectivas, crenças e aspirações refletem o que é determinado pelo sistema.

A sociedade pós-histórica se constitui a partir de uma teia de relações, onde cada indivíduo vive na direção da alteridade, embora se anule, por completo, nesse modo de se comportar socialmente. Eu sou em relação ao outro. Minhas relações me prendem a uma teia social (cf. Flusser, 2011, 153).

---

<sup>6</sup>Thus relationship between human being and tool is reversed, and human existence changes. In the case of the tool, the human being is the constant and the tool is the variable. (tradução pessoal).

Numa análise preliminar, somos instados a supor que Flusser se aproximaria, fenomenologicamente, da ideia de alteridade preconizada por Lévinas. Mas basta uma apreensão algo mais acurada de seus escritos e nos damos conta de que o filósofo tcheco-brasileiro quer se reportar ao fato de que, na perspectiva do capitalismo avançado, da sociedade de programas, a existência no mundo é vazia. O suposto *altruísmo*, observado nessa *ontologia relacional*, sugere a implicação imediata de minha existência no mundo. Sob esse ponto de vista, teríamos, certamente, um comportamento baseado na intersubjetividade e, portanto, de caráter político.

Mas não é o que ocorre. Como dissemos, a vida do indivíduo e suas relações são fruto de um programa sofisticado, calculado. Embora apresente uma roupagem de intersubjetividade, na verdade, é alheia a toda possibilidade de relações interpessoais. Portanto, temos como consequência inexorável a instauração do absurdo da humana existência, na medida em que o sistema provoca, cria a despolitização massificante dos indivíduos. Dizendo em outras palavras: a sociedade programática da pós-história se caracteriza pela ausência de liberdade humana, na medida em que os programas encerram em si o controle rigoroso das relações, de tal forma que não há sequer o sentimento de responsabilidade do indivíduo, a quem compete apenas *funcionar*, segundo os ditames do aparelho.

### **Arte e cultura**

Flusser se vale de várias escolas filosóficas para estruturar seu edifício teórico. Dentre elas, merece especial destaque a fenomenologia, de Edmund Husserl, a partir da qual ele compreende a importância de atribuir significado às coisas, pessoas e relações, mais que esperar que esse sentido venha a se desvelar, como impositação do mundo e da vida.

Nesse sentido, é possível entender que o homem estruturou o mundo segundo sua própria imagem. Os instrumentos são maximizações das potencialidades humanas, tal como a estrutura do mundo (cf. Flusser, 2018, 26). Portanto, para compreendermos nossa civilização, é forçoso atentarmos para a estreita relação existente entre natureza e cultura, evidenciando a aporia que se apresenta nessa relação, pois na medida em que a obra de arte me determina, ela se constitui como manipulação libertadora do ser.

Na relação entre natureza e cultura, a distinção na apreensão dos objetos é vivencial, porquanto é aí que estabelecemos tal diferenciação. Ou seja: a natureza corresponde ao dado bruto, opaco, distinto radicalmente do pensamento. Por outro lado, a cultura é acolhedora, é fruto do pensamento. Donde podemos concluir que, ainda que a cultura tente determinar a humana existência, seu *modus* de determinação é distinto, pois seu objetivo último é metamorfosear a natureza em obra de arte.

Na experiência relacional do humano com o objeto bruto, com a opacidade da natureza, verifica-se uma troca vivencial, a partir da qual ambos são transformados. Assim, a arte me determina, enquanto quer me libertar, pois ela é transgressão da natureza. Há como que uma profanação da natureza, donde decorre que a cultura é profanadora, enquanto a natureza habita o sacro. Nessa perspectiva, somos instados a conceber – com Flusser – arte como um conjunto de fenômenos que ostentam a marca da manipulação humana. “O termo *arte* tem, pois dois significados: uma atividade e o resultado dessa atividade” (Flusser, 1966, 70).

A arte é uma forma de dizer o objeto, como técnica abrangente. E o ato de dizer implica sempre a determinação humana. Como reconhece o próprio Flusser, a arte é o ato pelo qual o homem marca o objeto com suas vivências, como forma de realizar-se nele, de imortalizar-se nele. Trata-se, em última instância, de dar publicidade ao privado, de externalizar toda intimidade, de exhibir o inibido (cf. Flusser, 2018, 46). E, para dar maior consistência à sua reflexão, vincula a arte à tentativa de ruptura da solidão humana.

Flusser reconhece que ao fazer, o homem vai imprimindo formas sobre objetos, vai *in-formando*. E essa informação se dá através do diálogo entre informações anteriores e novas vivências. Nesse sentido, a obra de arte deve ser concebida como objeto que modela a experiência vital dos seus receptores. E, se considerarmos que qualquer objeto informado possui características estéticas, como epistemológicas e éticas, havemos de concluir que a obra de arte tramita diferentes tipos de informação.

Amante da filosofia e considerando sua origem judaica, Flusser concebe a cultura ocidental como resultado do encontro entre o pensamento grego e a tradição religiosa dos judeus. Ele afirma que nossa cultura é “(...) uma superação dialética de duas culturas em estágio avançado de ritualização (...)” (Flusser, 1966, 79).

Cabe à cultura moldar a existência, desvelando o mistério que o mito encerra. “Os mitos contêm em forma densa e poética, todas as virtualidades a serem realizadas pela cultura” (Flusser, 1966, 79). O mito explicita potencialidades humanas e o faz numa tomada dialética entre o que Nietzsche tematizou como o apolíneo e o dionisíaco.

No mundo olímpico prevalece a necessidade. Entre a causalidade e a *entelechia*, situa-se o espaço das decisões humanas. É no empenho de ampliar esse espaço que se instala a tragédia e a beleza como condições humanas. Compete ao humano atuar no mundo e transformá-lo, pois só assim ele age de maneira transgressora contra a necessidade, criando beleza.

O ser humano se imortaliza na arte, na medida em que pela arte ele se engaja e participa do mundo divino, do transcendente. Ele se torna um herói ou se imortaliza quando se lança numa ação libertadora. Portanto, arte e liberdade, alienação ou engajamento são prerrogativas da obra de arte. Sua existência se atrela à emancipação humana. O mito grego organiza o *cosmos* e o faz graças ao *logos* (Flusser, 1966, 84 ss).

Por isso, Flusser pode falar em *poiesis*, como afirmação da dignidade humana, como possibilidade de criar uma nova realidade, a partir da manipulação da natureza, como busca da liberdade, como transgressão de toda circunstância que pretenda determinar o indivíduo.

## Considerações finais

A historicidade é tematizada por Flusser como a história das relações do homem com a informação. Seja nas várias formas de captar a informação, seja na sua recodificação, seja na sua retransmissão (cf. Flusser, 2018, 46). Enfim, a historicidade humana está estreitamente vinculada à sua capacidade de comunicação intersubjetiva. Como, entretanto, vários empecilhos podem se interpor a esse fluxo comunicacional, o homem produz objetos capazes de realizar a intermediação dessa comunicação. Desse modo, a história se torna história da transformação desses objetos.

Como dissemos, o homem é um animal relacional. Na teia das relações que estabelece, cria, instaura a intersubjetividade, como possibilidade de viver e conviver com o outro. O mundo contemporâneo é apresentado por Flusser como iminência de esvaziamento desse sentido relacional, o que implica na perda iminente do senso de realidade. Isso justifica o interesse do filósofo pela arte, pois a concebe como veiculadora de um caráter dialógico, capaz de modelar a realidade, segundo as necessidades e anseios do humano.

Assim, a arte age sobre a realidade, transformando-a, através de sua função desalienadora, para revelar – ou desvelar – a realidade. Ou seja, a arte assume o papel de resgatar o significado da existência na sociedade e na cultura contemporâneas.

Flusser vislumbra o amplo espectro que a arte consegue cobrir na existência humana. Ele se reporta ao caráter mágico do fazer artístico, como transgressor do cotidiano, capaz de inebriar os que têm sensibilidade para tanto:

(...) o gesto artístico não se limita ao terreno rotulado como *arte* pelos aparelhos. Pelo contrário: tal gesto mágico ocorre em todos os terrenos: na ciência, na técnica, na economia, na filosofia. Em todos os terrenos há os inebriados pela *arte*, isto é, os que publicam experiência privada e criam informação nova. (...) Publicar o privado é o único engajamento na república que efetivamente implica transformação da república, porque é o único que a informa (Flusser, 2011, 143 – *grifos do autor*).

De fato, Flusser acredita que a sociedade contemporânea alimente o desejo de reagrupar significativamente arte e *techné*. Tratar-se-ia de redefinir o fazer humano, como forma de se resgatar a própria humanidade como fonte de todo sentido. A esse respeito, observa, com propriedade, Alan Meyer, comentando o trabalho do filósofo tcheco-brasileiro:

(...) não a gente estar a serviço da ciência e da tecnologia, mas pôr a ciência e a tecnologia a serviço da arte: ou seja, fazer da ciência e da tecnologia uma coisa secundária em relação às possibilidades criativa do homem. (...) A vida não tem sentido, a gente dá sentido à vida. Isso ele tira do Husserl e isso ele não deixava de repetir incessantemente (Meyer, 1999 *apud* Mendes, 2001, 62)<sup>7</sup>

Em *Meditações sobre arte grega*, encontramos a assertiva de que “a arte é realização do logos” (Flusser, 1966, 85 – *grifos do autor*). Isso significa dizer que o papel da arte, enquanto vive um momento de ruptura cultural, está vinculado à tentativa de restabelecer o consenso cultural, o que cria um novo senso de realidade.

Enfim, o tecido comunicativo está debilitado, o que facilmente pode ser observado pelo prevaletimento de mensagens discursivas sobre formas dialógicas de comunicação. Consequência natural e imediata: a disseminação dos aparelhos.

Mais: a adoção de formas discursivas de comunicação alimenta cada vez mais a produção de aparelhos sofisticados que, por sua vez, suplantam toda dialogicidade da comunicação humana. Essa automatização do mundo contemporâneo representa, inexoravelmente, a degeneração da criatividade dos indivíduos e diminui as possibilidades de surgimento de informação nova, de intersubjetividade, de produção artística.

No entendimento de Flusser, a arte é uma forma privilegiada de comunicação, que supera qualitativamente as demais. Tal circunstância o conduz a concebê-la como uma espécie de *salvação do mundo contemporâneo*, pois só ela é capaz de restaurar o tecido comunicativo do ocidente.

E, ao apontar a arte como instância desalienadora do indivíduo, é fundamental que entendamos esse caráter emancipatório da obra de arte, na mesma medida que ela é capaz de convidar o homem a assumir responsabilidades específicas como ser relacional, comunicativo, intersubjetivo. Portanto, cabe ao homem encarnar a arte como modeladora de vivências significativas, na medida em que ela possibilita o encontro da dimensão ética, epistemológica e estética de sua existência. Significa dizer: o homem que assim assume sua trajetória se metamorfoseia em *programador da história*.

---

<sup>7</sup> Depoimento de Alan Meyer, psicanalista, em 04/02/1999.

## REFERÊNCIAS

- FLUSSER, Vilém. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Meditações sobre arte grega**, *RBF*, XVI (61): 68-93, jan/mar. 1966.
- \_\_\_\_\_. **Pós-História**: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Annablume, 2011.
- \_\_\_\_\_. **The shape of things**. Londres: Reaktion Books, 1999.
- FLUSSER, Vilém; BEC, Louis. **Vampyroteuthis Infernalis**: Eine Abhandlung samt Befund des Institut Scientifique de Recherche Paranaturaliste. 4. ed. Berlin: European Photography, 2018.
- KRAUSE, Gustavo Bernardo. **A dúvida de Flusser**: filosofia e literatura. São Paulo: Globo, 2002.
- MENDES, Ricardo. Flusser: uma história dos diabos. *In*: \_\_\_\_\_. **Vilém Flusser, uma história do diabo**: um projeto de ação cultural sobre a obra do filósofo Vilém Flusser (1920-1991). 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 29 out. 2023.